

NOVOS LUGARES: À GUIA DE INTRODUÇÃO

Num claro processo de consolidação, o *Boletim de Pesquisa NELIC* chega ao número 5 abrindo seu espaço a novos colaboradores e ampliando o alcance dos textos que nele circulam. Várias mudanças se delineiam a partir deste número. Primeiramente, a institucionalização formaliza-se na obtenção de seu “registro geral de identidade” — ISSN 1518-7284 —, com a correspondente “catalogação na fonte” estampada no devido lugar. Além disso, como resposta à boa receptividade dos números anteriores, abre-se a espaços de circulação mais amplos, ao mesmo tempo em que abre seu próprio espaço a outros estudos, fazendo aqui uma “chamada aos textos para publicação”, mesmo que sempre relativos a estudos com periódicos na área da literatura e da cultura. Essa abertura a novos lugares começa a tomar corpo com a inclusão de estudos que extrapolam tanto o grupo que vem produzindo o *Boletim*, como o período até então por ele abarcado. Para que se entenda o sentido dessa abertura, há que historiar um pouco o próprio *Boletim*.

Pensado inicialmente como um veículo para os trabalhos desenvolvidos no âmbito do projeto integrado de pesquisa “Poéticas contemporâneas: histórias e caminhos”, o *Boletim de Pesquisa NELIC*, com publicação semestral (desejada, mas não inteiramente conseguida), vinha perseguindo dois objetivos fundamentais: divulgar a produção do grupo de pesquisa, bem como estimular os seus pesquisadores, especialmente os mais jovens, à reflexão sistematizada sobre o objeto de trabalho e à correspondente produção ensaística continuada. Tendo como foco a pesquisa que se desenvolve no “Poéticas contemporâneas”, o *Boletim de Pesquisa NELIC* teve como delimitação, até aqui, o próprio recorte do projeto: análise dos periódicos literários e culturais que circularam no Brasil a partir dos anos 70, com o objetivo de refletir sobre a constituição dos cânones literários e culturais contemporâneos e, ao mesmo tempo, construir um amplo banco de dados para pesquisa. Como já relatado em números anteriores desse *Boletim de Pesquisa*, a concretização deste projeto passou pela superação de muitas necessidades preliminares: constituir equipe, formar acervo, construir o banco de dados, desenvolver metodologia, adquirir infraestrutura de trabalho. Neste aspecto, o apoio do CNPq, através da concessão de bolsas, garantiu as condições básicas para sua efetiva implementação em março de 1996. A renovação

desse apoio nos anos subseqüentes vem garantindo, por sua vez, a continuidade do trabalho.

Assim, em seus quatro primeiros números, o *Boletim de Pesquisa NELIC* tratou, com diferentes abordagens e distintos graus de aprofundamento, de revistas que circularam no Brasil a partir dos anos 70, como *34 Letras*, *Almanaque*, *Argumento*, *Arte em Revista*, *Através*, *Código*, *Escrita*, *José*, *Novos Estudos CEBRAP*, *Oitenta*, *Revista do Brasil* (as duas últimas “dentições”), *Revista USP*, *Tempo Brasileiro*, *Vozes*, além dos jornais *Nicolau* e *Opinião* (seção Tendências e Cultura) e dos suplementos *Folhetim* e *Letras* do jornal *Folha de S. Paulo*. Neste quinto número, além da retomada de alguns desses periódicos, acrescentam-se ainda uma apresentação da revista *Cult*, e um estudo desenvolvido a partir do *Mais!*, também da *Folha de S. Paulo*, necessária inclusão das publicações mais recentes na área. E, dentro da já mencionada política de abertura deste periódico, inclui-se nele um ensaio sobre a revista *Acéphale*, publicada na França entre 1936 e 1939, sob a direção de Georges Bataille.

A consolidação dos estudos desenvolvidos pelo projeto evidencia-se, neste número do *Boletim de Pesquisa NELIC*, especialmente pelo conjunto de textos reunidos na seção EM DEFESA. Nela, publicam-se os textos de apresentação de três dissertações de mestrado e de uma tese de doutorado, lidos, e aprovados, por ocasião das respectivas defesas. Evidentemente, todos esses trabalhos foram desenvolvidos no projeto “Poéticas contemporâneas”, e sua divulgação aqui cumpre o objetivo de dar a conhecer a um público maior os resultados das pesquisas em desenvolvimento, assim como possibilita o estabelecimento de um diálogo com outros pesquisadores que encontram nos periódicos a fonte de reflexão sobre as linhas de tensão e de pensamento ativas num determinado período cultural. A seção seguinte, EM PERCURSO, reúne os estudos em andamento.

A PESQUISA COM/NOS PERIÓDICOS

Pensados como formações culturais, na esteira de Raymond Williams, as revistas e suplementos literários e culturais constituem, sem dúvida, importante espaço de circulação de discursos que nos permitem ler/escrever não apenas uma história da literatura, mas também uma história da cultura, das idéias, da mobilidade de valores e de critérios críticos e estéticos. Assim concebido, o estudo dos periódicos vai além da simples tomada destas páginas como instrumento, ou como um lugar supostamente

neutro de onde se pode resgatar a contribuição supostamente esquecida de algum autor insigne.

O termo “periodismo cultural” não se restringe, aqui, ao jornalismo cultural. Bem ao contrário, trata-se de uma acepção bastante ampla, que abrange tanto as publicações especializadas, como as revistas literárias, revistas de poesia, ou mesmo revistas acadêmicas no campo da literatura, como os suplementos de jornais e a vasta produção que caracterizou a década de 70 no Brasil, genericamente denominada “imprensa alternativa”. Nas últimas décadas do século XX, de forma muito aguda, as transformações no campo da cultura advindas da consolidação da indústria cultural e da hegemonia da sociedade de consumo, mesmo que desigualmente distribuída, estão se construindo nas páginas destes periódicos. Nelas, os impasses produzidos pela lei de mercado, pela convivência com a supressão de liberdades seguida dos processos de democratização, a revisão ou a perda de valores, os novos paradigmas, ou a falta deles, tudo isso aí circula e toma forma.

Assim, voltando os olhos para as últimas décadas, muitas perguntas se colocam: que tradições crítico-teóricas estão circulando em nosso campo cultural? quais os “cânones literários” veiculados, divulgados, construídos? onde circulam? como circulam? quais os processos e os veículos de divulgação, conservação, inovação e legitimação? há relações entre o que circula nos periódicos e o que se ensina nas instituições universitárias? há relações entre os grupos que atuam nos vários periódicos? que valores e princípios estéticos, teóricos, críticos estão sendo veiculados e, quem sabe, constituindo novos cânones, novas tradições, ou ainda, e por outro lado, reafirmando cânones já instituídos? como se constituem os discursos desses periódicos e quem os lê? o que mudou nas últimas décadas, diante do acelerado processo de globalização de mercados e internacionalização da cultura?

Assumindo a parcialidade e a multiplicidade das histórias e das suas verdades, é possível empreender, com muitas mãos, uma leitura de nossos tempos através da leitura desses nossos periódicos. A análise sistemática e comparada dos periódicos de distintas configurações vem mostrando o quão problemática tem sido esta passagem do século, em que “tudo que é sólido desmancha no ar”. Em que mercado e “arte elevada” muitas vezes se confundem. Em que o fim do inimigo comum representado pela ditadura militar dá lugar a um inimigo difuso, pouco delineado, em torno de cuja indefinição é impossível o consenso. Apenas os paradoxos parecem paradoxalmente se sustentar, bem como sustentar a figura do crítico contemporâneo. Como interpretar essa massa de

textos, esses discursos tão significativos, que delineiam uma luta nem sempre visível, em campos pouco delimitados? Evidentemente, a impossibilidade da interpretação unívoca, da voz única em busca do sentido claro e certo, dá lugar à multiplicidade interpretativa. Não confundir, contudo, multiplicidade interpretativa com esquivas, com afirmação do “vale tudo”. Não é disso que se trata.

Mudam-se os tempos, os textos, as discursividades. Mudam-se também as relações com a indústria cultural em expansão, especialmente a partir dos anos 70. Será ainda “moderna” aquela crítica que oscilará entre entregar-se à ideologia do mercado, trajando o figurino da “alta cultura”, mas rendendo-se às artimanhas da florescente indústria cultural brasileira das últimas décadas? E como considerar a significativa perda dos espaços outrora reservados à criação literária, aos “novos” da literatura brasileira (onde andam os poemas, os contos, os fragmentos narrativos?), ou ainda os espaços outrora dedicados à literatura como tema e motivo? Estarão sendo os autores brasileiros, incluindo-se os ensaístas e críticos, substituídos por seus congêneres do “primeiro mundo”, num possível efeito da propalada globalização? Os exemplos — ou serão sintomas? — parecem abundantes, e é preciso continuar a estudá-los com cuidado.

Não há dúvida de que o poder da indústria cultural e as questões mercadológicas, inclusive aquelas ligadas aos processos de integração de mercados e quebra de fronteiras, permeiam tanto a construção do gosto artístico como a dos cânones contemporâneos e suas “novas” tradições. Lançam e derrubam modas culturais — nomes, obras, idéias, valores. Constroem repertórios. Afinal, nas páginas de alguns suplementos, como nas do *Folhetim*, da *Folha de S. Paulo*, foram publicados ensaios críticos que hoje integram importantes livros, ou poemas de autores “novos” agora “consagrados”. As páginas do *Folhetim*, como diz Marco Antonio Chaga, traçam a “rapsódia de uma década perdida”. Por outro lado, no mesmo jornal, o suplemento *Mais!* veicula menos a “arte” e quase nada dos novos autores. Não se lê mais poesia na última página do suplemento. Hoje, aquele espaço, que já foi também dedicado a artigos de divulgação científica, fica reservado ao humor de Millôr Fernandes. Mais divulgação, menos interpretação? Mais entretenimento, menos criação artística? É preciso ler tais sintomas com atenção e refletir sobre eles, para que possam nos ajudar a entendermos um pouco mais a respeito de nós mesmos e de nosso papel na cena contemporânea.

É dentro desta ótica que desejamos refletir sobre nosso presente e nosso passado. É dentro dessa perspectiva que desejamos o diálogo com outros estudos, de/sobre

quaisquer tempo e lugar, que tenham os periódicos como matéria e motivo para a reflexão sobre a cultura. Nossos espaços são os novos lugares para se compartilhar indagações.

Maria Lucia de Barros Camargo